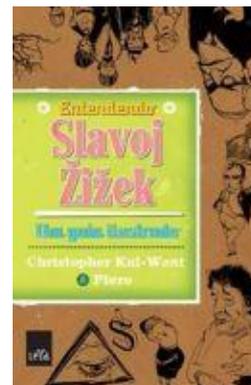


## RESENHA

KUL-WANT, Christopher; PIERO. *Entendendo Slavoj Žižek: um guia ilustrado*. Tradução de Adriana de Oliveira. São Paulo: Leya, 2012.

## Para (Não) Entender Slavoj Žižek

JEAN HENRIQUE COSTA \*



Tentar sistematizar a obra de um autor como **Slavoj Žižek** (nascido em 1949, antiga Iugoslávia, hoje Eslovênia) não é tarefa fácil. Esquematizar um pensamento tão rico, crítico e provocativo pode expressar a morte de sua potência teórica. Todavia, evitar tal empreitada incorre no risco de segregação de um pensamento substancialmente produtivo no século XXI (o conjunto da obra zizekiana supera os 50 livros hoje). Assumindo os riscos, opto sempre pela divulgação do conhecimento. Este será, então, o objetivo desta resenha: Entendendo (e não) entendendo Slavoj Žižek.

O livro “Entendendo Slavoj Žižek” (título original *Introducing Slavoj Žižek*) foi elaborado por Christopher Kul-Want e ilustrado por Piero<sup>1</sup>. Com 176 páginas de exposição de pensamentos zizekianos e estimulantes ilustrações de Piero, o livro tenta ser uma espécie de “guia” para sua obra, destacando um pouco de sua biografia, teorizações e concepções de mundo. O livro é, como todo manual de introdução, de linguagem mais acessível. Com seções curtíssimas pretende ir, passo a passo, ilustrativamente, apontando ideias do pensador marxista esloveno. Apesar de curtas, 94 subseções estruturam, de forma concatenada, o livro. O conjunto total de subseções demonstram a amplitude e heterogeneidade de sua poética, ensaística e corajosa proposta teórica.

O breve texto abaixo representa a leitura da obra de Slavoj Žižek realizada por Christopher Kul-Want. Portanto, cada reflexão e sistematização a seguir expressa a posição de Kul-Want acerca da obra deste filósofo esloveno.

Kul-Want aborda Slavoj Žižek como um intelectual radical e uma figura pública notável. Para ele, Žižek tem sido considerado por revistas e jornais conservadores como um superstar da nova esquerda, ou mesmo, como “**o filósofo mais perigoso do Ocidente**”. O trabalho zizekiano trata da atual crise política, econômica e ambiental, notadamente destacando a sensação generalizada de uma iminente catástrofe mundial e suas causas ideológicas subjacentes. Pobreza, ecologia, repressão política etc., são assuntos recorrentes em seus textos. No tratamento dessas questões Žižek explora propositalmente a política a partir de temas do cotidiano midiático, tais como filmes de Hollywood e ficção popular, ou mesmo, de áreas consagradas do saber oficial, como ópera, alta literatura, biogenética, neurociência, etc. Da literatura de Stephen King à grande música de Mozart, passando pela física quântica e por Kafka, muitos *insights* entre política, psicanálise e filosofia são destacados em sua obra.

Žižek, diferentemente do marxismo da Escola de Frankfurt, “é essencialmente

um filósofo político comprometido com a análise política. Sua ambição é intervir no discurso político por acreditar que isso pode afetar as ideias das pessoas e ajudar a transformar a realidade” (p. 18). Logo, a noção de verdade, então, em Žižek toma uma nova dimensão filosófica. Para além da metafísica, teologia ou positivismo, a verdade passa a ser uma compreensão das relações de poder reais que controlam a sociedade e das ideologias que impedem a sociedade de realizar a liberdade social e política. Deste modo, a questão da **ideologia** ganha nova roupagem.

Para ele, “um ‘sujeito’ é alguém que adere a regras e ideias que governam a linguagem, a comunicação e a troca (‘a ordem simbólica’) sem estar completamente consciente delas” (p. 19). Destarte, “ideologia, para Žižek, significa o modo em que a ficção da auto-identidade é construída por meio da estrutura da linguagem e, de modo mais abrangente, pela **ordem simbólica**” (p. 20). Percebe-se, de antemão, que o tema da ideologia ocupa espaço privilegiado em sua obra. Em seu trabalho há toda uma pretensão de **unir marxismo e psicanálise**. “Para compreender a ideologia e os diferentes modos em que ela se manifesta no discurso social e político, é necessário retomar duas filosofias essenciais: o marxismo (1818-1883) e seu mentor G. W. F. Hegel (1770-1831), e a psicanálise, inspirada por Lacan” (p. 20).

Para Žižek, o marxismo e a psicanálise compartilham a ideia de que a consciência absoluta do *self* é impossível de se atingir. Marx aplicou essa ideia ao capitalismo. Em seguida, Lacan fez o mesmo em relação à estrutura da linguagem. Marx propôs que o sujeito é formado no ato da troca econômica [...], enquanto Lacan sugeriu que a linguagem constrói o sujeito à

medida que ele fala (KUL-WANT, 2012, p. 20).

Sendo um crítico ferrenho da teoria da desconstrução de Jacques Derrida, na qual os significados nunca são estáveis ou fixos, Žižek prefere se aproximar da noção de “pensamento cru” do marxista Bertolt Brecht, isto é, uma forma de pensamento político que vai direto ao ponto. Žižek se enquadra, portanto, como um intelectual político de esquerda radical em busca de uma “**política emancipatória**”. Para ele, trata-se de buscar medidas extremas em nome do bem comum e para combater as forças desumanas do mercado que estão aprofundando crises globais. Prontamente, Žižek não é um autor melancólico. Trata-se de um ativista que, como intelectual radical, crê que algo precisa ser feito com urgência a respeito de problemas concretos. Em sua visão, a política profissional não é capaz de enfrentar esses problemas em razão do compromisso político com o capitalismo. No âmbito político, estruturalmente os políticos aprofundam a crise ao tentar administrá-la de acordo com seus próprios interesses. Žižek propõe duas saídas: 1. Em situações de conflito, às vezes o diálogo não é apropriado; 2. A luta pela libertação da opressão geralmente implica um processo doloroso. Nesse sentido, Žižek analisa a política não apenas pelo viés da ideologia, mas também como questão de economia e forças de mercado. Por exemplo, “a ideia de um ‘choque de civilizações mundiais’, tanto se aplicada a relações entre o Ocidente e o Oriente Médio quanto a outros conflitos globais envolvendo o Ocidente, não é uma questão de ‘nós e eles’, mas dos interesses ocidentais nos negócios mundiais” (p. 50). Logo, a produção e o consumo capitalistas, junto com ideologias que os sustentam ou reforçam, reduzem as possibilidades de

crítica e vislumbre de outra ordem social.

Neste sentido, o conceito zizekiano de **Capitalismo Cultural** é estrutural para se pensar a manutenção do *status quo*:

A combinação do consumismo com a dimensão ética é, Žižek acredita, ‘o capitalismo cultural em seu estado mais puro – no exato ato de consumo você compra sua redenção por ser consumista’. Žižek argumenta que esse sentimento de redenção do culpado consumista ocidental está intimamente aliado à voga de alimentos orgânicos e outros produtos amigos do ambiente que também atuam como uma salvação da consciência do consumidor (KUL-WANT, 2012, p. 45).

Em Žižek, essa salvação da consciência retroalimenta nossa pretensa ideia de busca pela harmonia ou equilíbrio do mundo, objetivo nunca antes realizado e impossível de ser alcançado. Concordando com Oscar Wilde, “a caridade não cura a doença, apenas a prolonga” (p. 46). Deste modo, a caridade preserva o status quo e evita uma reconstrução radical da sociedade. Contudo, Žižek acredita que a oposição ao capitalismo deve ocorrer também para além da economia. A repressão política e social, embora manifestada economicamente é, no fim das contas, causada pela ideologia, especialmente através da forma como ela está ligada com a formação da identidade individual e social por meio da linguagem e do discurso, isto é, a **ordem simbólica**. A ordem simbólica expressa qualquer sistema de comunicação e as regras que o governam. Trata-se de regras que são seguidas e que dificilmente se tem consciência delas. A comunicação, pois, nos foi uma dádiva, todavia, que nos coloniza.

“A ordem simbólica governa não apenas o que dizemos, mas também o que pensamos. Os sujeitos individuais existem na e para a linguagem e para a ordem simbólica, mas não o contrário” (p. 61). Portanto, para Žižek, essa imposição de a ordem simbólica governar a formação da autoidentidade do sujeito depende do governo de um “superego” autoritário. Žižek nomeia essa figura inconsciente do superego de “**O GRANDE OUTRO**”, uma ordem propriamente virtual sempre presente. Este Grande Outro é a lei subjacente à ordem simbólica. Em Sigmund Freud, o grande outro é uma força repressiva da autoridade moral que afeta a psique do sujeito (o superego), o zelador da ordem simbólica, guardião das leis, morais e códigos do bom comportamento social. Žižek oferece nova leitura para a questão. Para ele, obedecendo ou transgredindo as regras morais da sociedade, o superego sempre permanece existindo. Deste modo, obedecer a lei gera o desejo de sua própria violação. Logo, quanto mais obedecemos, tanto mais sentimos a pressão do desejo de cometer um “pecado”.

Žižek se inspira em Kafka para reconhecer que, por trás de cada tipo de gozo na sociedade contemporânea, não importa se sancionado ou transgressivo, legitimado ou ilegítimo, existe um superego que o dirige. A ideia da morte de Deus, declarada por Friedrich Nietzsche no fim do séc. XIX, e o aparente afrouxamento das imposições morais na sociedade ocidental, poderia levar a crença de que: se não há Deus, tudo é permitido! Longe disso, Žižek compreende que essa “liberdade” para fazer o que desejamos, de fato, nunca supera a figura onipresente do superego. Então, uma sociedade permissiva passa a ser um mito. Para Žižek, hoje muitas práticas sociais são muito mais

permissivas, mas isso não significa que estejamos numa sociedade hedonista e livre de imposições morais. Pelo contrário! Em Žižek numa situação em que tudo é permitido, o que acontece de fato é um aumento em vez de uma diminuição da autoregulação.

O superego da modernidade determinava que o indivíduo fosse um bom cidadão (democrata ou comunista). Nessa época, o superego assumia a autoridade paterna, figura freudiana de pai edípico. Mas, sob o capitalismo tardio, a sociedade deixa de se modelar pela autoridade paterna tradicional ou superego. Emerge, pois, uma nova forma de superego: um pai primitivo, que passa a simbolizar a autoridade na pós-modernidade. Nas sociedades atuais governa um pai primitivo “obsceno”, não edípico, exortando a todos a imitá-lo e gozar! (CURTA A VIDA!). “Hoje, a ordem das ideologias dominantes é o gozo: gozo sexual, consumista até o gozo espiritual de realizar-se a si mesmo” (p. 105).

Em vez de proibir o sujeito de saciar seus desejos excessivos, papel do pai edípico, passa a predominar uma pressão para satisfazer esses desejos, como se fosse o único caminho para a felicidade. Paradoxalmente, o gozo se tornou algo imposto, obrigatório. Por conseguinte, a cultura do consumo atual encontra seu perfeito complemento num superego dedicado ao gozo. O imperativo é que se deve consumir, comprar, comer, beber, transar, etc. A lógica da imposição é que se você não estiver fazendo essas coisas não será feliz. Todavia, a suposta ordem social tolerante de liberdade de escolha esconde uma ordem mais violenta: pressão de parecer bonito, saudável, solidário, ecologicamente correto, de fazer o bem etc. Fazer o bem torna a vida mais significativa! Žižek desconfia

desta equação que relaciona felicidade e autorrealização na sociedade ocidental atual. Para ele, isso ainda incorre numa situação paradoxal: gozar em todos os momentos, mas com saúde, cuidado, zelo. Nesse sentido, as pessoas estão muito cautelosas e reservadas sobre permitir qualquer sensação de intensidade, risco ou excesso emocional em suas vidas. Isso se reflete na promoção de cervejas sem álcool, café sem cafeína, creme sem gordura, etc. O resultado é uma realidade sem substância, uma realidade sem o ser, sexo sem ser sexo, política sem política, etc. O grande problema, então, não é se livrar das proibições para se ter prazer, mas como se livrar das pressões (e paradoxos) do superego.

A saída para essa questão Žižek procura na própria psicanálise. É evidente que para Žižek as ficções estruturam nossa realidade. Se você tirar da realidade as ficções simbólicas que a regulam, você perde a própria realidade. Ou seja, sem um sistema artificial de ordem simbólica para organizar a realidade, o indivíduo deixa de existir. Todavia, Žižek mantém aberta a possibilidade de o sujeito reconhecer seu próprio status ficcional da realidade: este é o objetivo último do tratamento psicanalítico. Ao reconhecer a natureza ficcional da identidade, a presença dominante do superego é destruída, logo, o sujeito retorna a si mesmo, tornando o grande outro supérfluo. Para Žižek existem decisões ou ações na vida que denunciam que a ordem simbólica é uma ficção. Estes atos se enquadram na categoria de uma ética imoral, ou seja, paradoxalmente, uma forma autêntica de ética. Esta ética imoral destrói as coordenadas normais da ordem simbólica já que estas são governadas pelo Grande Outro. Esta seria a ética da psicanálise para não comprometer o prazer: não se confundir com a pressão do superego na busca

pelo gozo, nem renunciar ao prazer por pressão do comando do superego.

Isso implicar rediscutir o imperativo categórico kantiano. Em Žižek ele ganha nova amplitude: - “eu sou completamente responsável não apenas por cumprir meu dever, mas por determinar o que é meu dever” (p. 158). Logo, a responsabilidade não pode ser atribuída ao grande outro. Paradoxalmente, então, o grande outro não existe. **NÃO HÁ GRANDE OUTRO.** Daí que, a primeira lição de libertação parte, portanto, do sujeito em reconhecer as possibilidades e limites de seu desejo.

Em suma, a obra zizekiana traz um pensamento bastante eclético. Da filosofia de Hegel à análise política hoje, passando pela psicanálise e pelo cinema, misturando Marx e Lacan, suas ideias apontam para uma crítica radical das sociedades atuais, porém, sempre com esperança de que a situação possa ser alterada. Política radical e psicanálise formam saídas para o sujeito moderno e seus problemas concretos.

Neste breve guia percebe-se, mesmo que minimamente, a amplitude de sua vasta obra: crítica ao stalinismo, nazismo, imperialismo ocidental, consumismo, terrorismo, crise ecológica, cinema, ideologia, psicanálise, etc. Mesmo que somente de relance, o papel da divulgação de sua obra foi eficaz. Portanto, o guia ilustrado aqui resenhado certamente obtém êxito na tarefa de ser uma orientação do pensamento zizekiano<sup>2</sup>. Contudo, como quase todo manual didático acerca de um grande autor, às vezes simplifica e confunde. Opto por esta máxima kantiana: “nem neste mundo nem fora dele, nada é possível pensar que possa ser considerado bom sem limitação, a não ser uma só coisa: uma boa vontade” (KANT, 2005, p. 21)<sup>3</sup>. Portanto, apesar

do didatismo que limita, algo foi dito neste guia ilustrado. No mais, sendo Žižek quem ele é, “o filósofo mais perigoso”, certamente sua obra baterá na porta de cada amante da palavra radical. Cedo ou tarde, aprenderemos a entender o deserto do real e viver no fim dos tempos.

Recebido em 2014-11-23

Publicado em 2015-01-15

\* **JEAN HENRIQUE COSTA** é Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: [jeanhenrique@uern.br](mailto:jeanhenrique@uern.br)

<sup>1</sup> Kul-Want dirige o mestrado no curso de teoria da arte e filosofia na Central St. Martins College of Art and Design, University of the Arts, em Londres. Piero é ilustrador, artista e designer gráfico, tendo ilustrado outros livros da série *Introducing*, tais como *Aesthetics*, *Anthropology*, *Barthes*, *Capitalism*, *Nietzsche*, *Psychiatry* e *Shakespeare*.

<sup>2</sup> Para saber mais, o site *Zizekstudies* (<http://www.zizekstudies.org/>) concentra uma revista on-line que reúne diversos artigos sobre o pensamento de Žižek. Para além de comentadores, hoje o Brasil já dispõe de uma série de obras traduzidas, tais como: 1. *Menos que nada - Hegel e a sombra do materialismo*; 2. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*; 3. *Como ler Lacan*; 4. *A visão em paralaxe*; 5. *Bem-vindo ao deserto do real*; 6. *Em defesa das causas perdidas*; 7. *O amor impiedoso: ou sobre a crença*; 8. *As portas da revolução*; 9. *Alguém disse totalitarismo? Cinco intervenções no (mau) uso de uma noção*; 10. *Vivendo no fim dos tempos*; 11. *O ano em que sonhamos perigosamente*; 12. *O mais sublime dos histéricos: Hegel com Lacan*; 13. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*; 14. *Lacrimae rerum - ensaios sobre cinema moderno*; 15. *Violência*; 16. *A monstruosidade de Cristo* (junto com John Milbank); 17. *Mitologia, loucura e riso* (com Markus Gabriel); 18. *Arriscar o impossível: conversas com Žižek* (junto com Glyn Daly).

<sup>3</sup> KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos.** Tradução Leopoldo Holzbach. São Paulo: Martin Claret, 2005.